

OS PEDAÇOS DE OSÍRIS

-FÁBULAS ESOTÉRICAS-

OS PEDAÇOS DE OSÍRIS

-FÁBULAS ESOTÉRICAS-

Hideraldo Montenegro

Recife
2011

Hideraldo Montenegro
hideraldo2007@yahoo.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Diagramação:
Capa:
Revisão:

Montenegro, Hideraldo, 1957 -
Os Pedacos de Osiris

p.47

Ficção –

SUMÁRIO

O BUSCADOR.....	13
ESCURIDÃO E LUZ.....	15
FÁBULA SENIL.....	16
HISTÓRIA.....	18
LUZ.....	20
CRIAÇÃO.....	21
O RETORNO DE OSÍRIS.....	22
BRANCO E PRETO.....	23
A PORTA.....	26
O ALQUIMISTA.....	30
1+1.....	42
RODA-VIVA.....	46
SINOPSE.....	47

Dedico a
Ordem Rosacruz
AMORC

Agradeço a
minha família

“Uma vitória do ego é sempre um fracasso humano.”
Hideraldo Montenegro

O BUSCADOR

Primeiro você tem que ter uma montanha. Afinal, para encontrar alguma coisa você precisa de espaço.

Depois você retira seus pés e os enterra. Deles nascerá uma planta cheia de histórias, cheia de estradas. Arranque sua cabeça e a encoste num canto. Também retire seu coração e o deixe à sua frente. Retire todas as suas vísceras e as jogue fora.

Agora pense pensamento nenhum. Escute silêncio nenhum e entre no nada. No nada encontrará tudo.

Onde você não estar agora sentir-se-á realizado. Não há faltas. Não há ausências. Tudo está em você e você está em tudo.

Mas, para você chegar aqui e ali precisa sentir ausência. Um grande vazio não preenchido, uma inquietação.

Para buscar, primeiro você precisa sentir falta de você mesmo, de sua ausência.

Como você pode ser preenchido senão paradoxalmente pelo vazio?

Antes de tudo, é necessário você esvaziar-se. Ter o desejo de não desejar. De procurar sem ir atrás.

Para se encontrar, primeiro você precisa perder-se. Quando estiver completamente perdido nascerá o desejo de achar-se.

ESCURIDÃO E LUZ

Vivia reclamando da vida.

Primeiro perdeu o emprego. Dizia que detestava.

Então, passou a reclamar do governo por estar desempregado.

Depois, perdeu a casa onde morava. Ficou revoltado e passou a xingar tudo que existia.

Perdeu as roupas, os móveis, o automóvel e a paciência completamente.

Mas, isto não bastava e, assim, a vida lhe tirou o amor, a amada, os filhos, o cachorro, os braços, as pernas e, quando só lhe restou os olhos, olhou para o céu e agradeceu a Deus por estar vivo.

Foi quando uma luz se acendeu em seus olhos. Não sorriu porque já não tinha boca. Não orou porque já não tinha mãos. Assim, simplesmente entregou a sua alma, mas tão completamente que ela se fundiu à luz.

FÁBULA SENIL: A MATURIDADE DO ENVELHECIMENTO

Era um sujeito orgulhoso. Nariz arrebitado. Nunca olhava para os lados ou para baixo. Não falava com qualquer um. Não era qualquer um.

Sujeito privilegiado. Nasceu rico. Tinha tudo o que queria: carros, roupas de marcas e as mais lindas mulheres a seus pés.

Mas, a vida, sábia, tenta ensinar-nos de qualquer jeito.

Primeiro, teve que amputar os pés. Pensou: e daí? Para onde preciso ir?

Depois foram amputadas as suas mãos. Pensou: Sim, e daí? Para quem preciso acenar?

Depois, sucessivamente, foram amputados seus braços, pernas, tronco, olhos, boca, ouvidos, dentes e cabelos. No fim, só sobrou o nariz arrebitado.

Insistente a vida lhe amputou a fortuna, o nome e o paradeiro.

Mas, aí já não pensava mais nada e seu nariz foi finalmente comido pelos vermes.

Em seu velório, nos discursos, foram realçadas as virtudes do seu nariz, a sua altivez.

Parece que apenas os vermes aprenderam uma lição: quem tem fome precisa comer. Comeu.

E, a vida vencida morre com o sujeito, mas insiste em viver no verme, um nariz sem pés rastejando pela vida, sem orgulho, com o único propósito de erguer-se, tornar-se homem.

HISTÓRIA

Não tinha boca, olhos, nariz, ouvidos, cabeça, braços, mãos, pernas, pés. Não tinha nome, idade, sexo. Sequer sabia que existia.

Apenas acalentava muitos desejos.

Isso! Era um poço de desejos!

Assim, procurou um corpo e nasceu.

Recebeu um nome.

Aprendeu a andar, falar e responder sim ou não.

Sorriu, chorou, experimentou a dor e o prazer. Sentiu tristezas e alegrias. Cometeu erros e acertos. Fez maldades e também o bem. Desprezou e foi desprezado. Amou e odiou.

Cresceu. Virou adolescente, jovem, adulto e envelheceu.

Por fim, morreu e novamente perdeu o corpo, a idade, o sexo, o nome e o compasso.

Ficou ali e, alhures, desejando, desejando, desejando...

E, este ciclo se repetiu dezenas, centenas, milhares e milhões de vezes.

E entrou pela perna de pato e saiu pela perna de pinto...

Moral da história: a história não tem moral.

LUZ

Nasceu sem pés, pernas, tronco, mãos, braços, boca, nariz e ouvidos.

Era apenas um olho.

Assim, não ouvia ou falava nada. Só observava.

E, o olho cresceu, cresceu...

Viu gente nascer, crescer, morrer, odiar, amar, perder e ganhar milhares de vezes.

Vivia a plenitude de seu silêncio olho. E, ao invés de ir envelhecendo e projetando-se para a morte, ao contrário, ia adquirindo mais vida, mais vitalidade.

E, cada vez mais, o olho se abria e crescia de tanta observação.

E, de tanto observar se tornou um generoso sábio imortal.

CRIAÇÃO

Primeiro, foram criados os pés e depois, sucessiva e respectivamente, as pernas, o tronco, o sexo, as mãos, os braços e a cabeça.

Por fim, foram criadas as colunas da direita e da esquerda. Daí, surgiram o macho e a fêmea. E, quando brotou da terra o homem e a mulher, os olhos se abriram e, pela primeira vez, a noite e o dia começaram a mover a vida.

E, o ser imortal experimentou a ilusão do sofrimento e da morte.

O RETORNO DE OSÍRIS

Começou no mar. Rastejou pela terra, criou profundas raízes e sentiu a força do vento e das estações, experimentou os ares e também sentiu o calor do sol.

Fecundou e foi fecundado.

Depois de cinquenta milhões de anos saiu recolhendo seus sete pedaços pela estrada. No final encontrou seus olhos, então, saiu buscando a sabedoria e, assim, pode encontrar o seu coração. Finalmente, transformou-se numa estrela brilhante na noite escura para iluminar os passos dos caminhantes.

E, por amor, teve que vir ajudar a recolher os pedaços de seus irmãos de jornada.

Foi assim que uma estrela virou homem e que um homem virou estrela.

BRANCO E PRETO

Pedro havia acabado de descer a escadaria do tribunal, aonde tinha atuado numa bem sucedida defesa. Estava se dirigindo ao estacionamento e pensava no trânsito que tinha que enfrentar naquele horário. Dentro do automóvel ainda tentava entender o motivo que aceitara aquele caso. Topou defender o acusado porque realmente acreditava em sua inocência e, isso no seu caso, não era motivo suficiente.

O congestionamento estava pior do que havia imaginado.

Num cruzamento, onde o trânsito se arrastava lentamente, deparou-se com uma cena medonha. Um homem, aparentando ter a sua idade, apontava uma arma para uma senhora que tentava atravessar o sinal. Ele segurava o braço da vítima e parecia disposto a disparar.

Sem pensar, impulsivamente Pedro saltou do carro e foi em direção ao assaltante gritando para ele deixá-la em paz e preservar a vida dela. Escutou a sirene da polícia quando o marginal, assustado, virou a arma em sua direção e puxou o gatilho.

.....

Paulo acordou. Olhou a arma que estava em cima do criado-mudo e pensou desesperadamente: “meu Deus, o que vou fazer para conseguir o dinheiro e garantir o barraco de minha irmã?!”.

Não conseguia mais vislumbrar outra alternativa. Aliás, achava que tinha tentado todas. Assim, colocou o revolver na cintura e saiu caminhando por ruas tumultuadas. O mundo parecia está girando ao contrário. Estava certo que ia fazer um grande bem. Salvaria a vida de sua irmã e de seus sete sobrinhos. Não conseguia organizar os pensamentos. As emoções estavam no comando! Mas, tinha que encontrar uma solução urgente.

Quando foi atravessar um sinal imaginou ter encontrado uma oportunidade quando viu uma senhora com uma bolsa de grife e bem vestida atravessando no sentido contrário ao dele. Puxou a arma e lhe pediu a bolsa. Foi então que, de repente, alguém surgiu do meio dos carros correndo em sua direção de forma ameaçadora. Não teve tempo para pensar e intuitivamente puxou o gatilho. Ao mesmo instante, sentiu o impacto de um tiro disparado por policiais que estavam aproximando-se da cena. Sentiu o mundo escurecer e desabou.

.....

Pedro nasceu com a ânsia de conhecer a maldade e só pensava em fazer o mal, mas em toda a sua vida, por um motivo ou outro, só fez o bem. Ao contrário, Paulo nasceu destinado para conhecer e fazer o bem, contudo, só causou sofrimento.

Pedro e Paulo jamais haviam se encontrado antes até o dia daquele incidente onde foram mortos.

Quando os dois morreram foram recebidos no céu pelo grande sábio que afirmou para ambos:

-Vocês acabaram de erguer a minha igreja!

A PORTA

O religioso chegou ao céu com seu livro sagrado embaixo do braço e trajando seu indefectível paletó. Estava surpreso. Aliás, estava atordoado, pois, acreditava que seria arrebatado conforme havia aprendido.

Foi recebido por um suposto anjo guardião.

Então, disse de forma autoritária, como estivesse dando uma ordem:

-Quero falar com Deus!

-Como assim?! – perguntou-lhe o anjo.

-Conheço este livro de cor e salteado. Pode perguntar-me qualquer coisa. Estou pronto!

-Tire as roupas – disse-lhe o anjo.

-Como?! – reagiu indignado o religioso- Isto é um desrespeito! Isto é imoral e não tem nada a ver com...

-Para falar com Deus você precisa estar completamente despido de tudo!

-Jamais vou despir-me! – afirmou convicto o religioso.

- Então, espere até Deus abrir-lhe! – falou o anjo, com piedade do sujeito.

Neste momento surgiu uma prostituta.

-Pode passar, minha boa senhora!-disse o anjo.

Reagiu indignado o religioso:

-Como?!! Esta mulher era uma prostituta!! Afinal, onde é que estamos?!!

-Essa é uma alma caridosa! Sempre ajudou aos necessitados! Sempre foi prestativa e solidária!

Mas, para complicar mais a situação, apareceu um senhor conhecido do religioso.

Esperando o pior, então, adiantou-se o religioso:

-Este alcoólatra e fumante não vai passar, não é?

Para revolta do religioso, que mal terminara a frase, o anjo deu passagem para o sujeito.

-Eis um homem generoso! Este merece o paraíso!

Mas, castigo pouco é bobagem e logo apareceu um renomado ateu que foi recebido com entusiasmo e alegria pelo anjo e que tem o mesmo destino dos anteriores.

Então, o religioso não se conteve e explodiu de vez com toda sua ira.

-Ora, ora, ora! Disse o anjo – Poucos homens viveram na Terra que foram tão generosos, pacientes, caridosos, solidários, compreensivos, bondosos, honestos e justos quanto este homem! Ninguém mereceria mais o paraíso do que ele! Ele nunca julgou, nunca condenou, nunca discriminou. Sempre prestativo!

-Abra esta porta que quero passar!! – afirmou revoltado o religioso.

-Mas, que porta? Respondeu o anjo – Não existe porta nenhuma!

-Afinal, quem é você?

-A sua porta!

-Mas, você não disse que não existe porta??!!

-Pois é, não existe! O que dar-lhe-á passagem é sua consciência. Abra-se e abra Deus dentro de você! É preciso eliminar seus preconceitos para enxergar além da porta que você estabeleceu.

E o anjo sumiu.

Sozinho o religioso se apavorou. Ficou com medo de estar sozinho com sua consciência e, assim, voltou à vida novamente.

Nasceu nu, despido de tudo e chorou o mais alto que pode.

O ALQUIMISTA -O OURO DO TOLO E A PEDRA FILOSOFAL-

Descobriu que na alquimia existia uma tal Pedra Filosofal, que tinha o poder de transmutar tudo.

Pensou: já imaginou o que posso fazer? Tudo que posso conseguir?

-Seus olhos brilharam.

Nunca havia desejado tanto uma coisa. Ali estava a chave para resolver todos os seus problemas. Seria poderoso, admirado, reverenciado.

Sempre se achou especial, diferente da maioria das pessoas. Sempre se achou injustiçado. Parecia que as pessoas não reconheciam a sua grandeza, sua importância. Era melhor do que qualquer um. Era especial. Um dia haveria de ser notado e reconhecido. Sonhava com as pessoas aos seus pés venerando-o. Ficava encantado com estes pensamentos.

Por isso, não se misturava com ninguém. Aonde já se viu, ele, uma pessoa especial, misturar-se com pessoas tão pouco evoluídas!!

Por isso, vivia só, entrincheirado. Tinha se colocado no altar. Estava no alto e precisava conservar sua posição especial. Não falava com qualquer um.

Assim, um dia sua consciência apareceu para ele na forma de um anjo, com asinhas e tudo mais. Era como sua mente poderia entender aquele nível de consciência, utilizando um símbolo, uma forma.

E a sua consciência-anjo lhe falou:

Se deseja transformar tudo. Se deseja encontrar a Pedra Filosofal deve empreender uma caminhada.

Encontrar-lhe-á em tal lugar, embaixo de tal árvore. Mas, sua caminhada será conduzida por um guia. Primeiro, tem que encontrar esse guia e reconhecê-lo.

Quando chegar ao lugar indicado, vai encontrar um Mestre que lhe dará a chave.

Evidentemente, que para ter o mérito de possuir a Pedra Filosofal terá que passar por alguns testes.

Se não conseguir passar pelo teste vai interromper a caminhada e voltar.

Sempre estarei ao seu lado. Sempre que precisar de auxílio estarei pronto para servi-lo.

Antes que pudesse fazer qualquer pergunta, seu anjo-consciência desapareceu.

No outro dia planejou toda a caminhada. Fantasiou tudo. Imaginou como seria o seu guia. Lógico que ele seria assim e assado, conforme são os guias.

E o Mestre, então! Que sensação não seria encontrar um Mestre?! Deve ser magnífico esse encontro. Ele deve ser revestido de um momento fantástico.

Depois de tudo planejado, iniciou sua jornada. Que beleza! Enfim, teria em suas mãos todo o poder! As pessoas viriam a ele pedir conselhos, homenageá-lo e coisa e tal.

Assim que entrou naquela estrada, uma pessoa horrível se aproximou dele.

Fingiu não notar aquela presença.

-Moço, está indo para onde?

Que petulância! – pensou – Não vou nem responder.

-Estou indo para tal lugar – disse aquele estranho.

Não se conteve.

-Conhece tal lugar?! – perguntou, espantado.

-O que está procurando que está olhando para todos os lados?

-Uma pessoa especial.

-Conheço tal lugar com a palma de minha mão. Posso acompanhá-lo? Estou indo para lá também.

Um pensamento se insinuou nele. Não poderia ser! Esta pessoa insignificante não pode ser o guia!

“É evidente que essa pessoa não é o guia que o anjo me falou. Tão comum, tão banal, tão simples. Que pensamento tolo o meu. É lógico que esse aí não é o guia”.

Sequer respondeu aquela criaturinha insignificante e prosseguiu.

Mais adiante teve que decidir-se por tal ou qual caminho. Estava diante de uma bifurcação.

Resolveu seguir seus instintos e esperava ainda encontrar o tal guia. Mas, assim que tomou um dos caminhos escutou a voz daquele sujeito que vinha atrás.

-É por aqui, moço!

Desejou ignorar aquela informação, mas teve que dobrar-se ao fato de que aquele sujeitinho conhecia aquele caminho de fato. Não disse nada e apenas deu meia volta e pegou aquele outro caminho indicado por tal sujeito.

Estava ficando constrangido e chateado com tudo aquilo.

-Quando o meu guia vai aparecer? – pensou.

Caminharam juntos, calados, durante horas e dias. Muitas coisas aconteceram que fizeram que ele dobrasse o seu orgulho. Muitas dúvidas já apareciam em sua mente. Pensou até em voltar, mas precisava encontrar de todo jeito aquela tal Pedra Filosofal. Estava disposto a tudo para consegui-la. Mesmo que fosse até suportar aquela presença...

-Afinal, onde estava aquele guia?

Depois de meses caminhando e ter-lhe acontecido uma série de infortúnios, aonde teve que contar com a ajuda daquele sujeito, já não lhe restava nenhum vestígio de orgulho. Aliás, nos últimos dias conversava demais com aquela pessoa. Na verdade, chegou até a rir

muito com aquele sujeito. Já tinha esquecido até que precisava encontrar o seu guia.

O importante para ele era chegar a tal lugar, onde encontraria o Mestre que lhe daria uma chave e uma árvore onde a Pedra Filosofal estava.

-Moço, o que vai encontrar naquele lugar?

-Ah, algo maravilhoso!

-Seja o que for, você merece. Você é uma pessoa boa.

Ficou surpreso com aquela afirmação. Na verdade, ficou comovido com as palavras pronunciadas por aquele estranho. Só não chorou porque teve vergonha.

-Falta muito?

-Depende.

-Como assim? Não entendi. Como depende?

-Depois vai entender, moço. O que pretende fazer com o que vai encontrar?

Engraçado, quando começou aquela jornada, sabia direitinho o que desejava fazer, mas agora aquela pergunta lhe pareceu estranha, como se nunca a tivesse feito.

Percebeu que não manteve o mesmo desejo. O que foi que aconteceu?- perguntou-se.

Descobriu o óbvio. Tinha mudado e isso tinha mudado seus desejos. Na verdade, imaginou que não saberia o que faria com aquela pedra em suas mãos.

Seus pensamentos foram interrompidos por aquele seu companheiro de jornada.

-O lugar que deseja está logo ali na frente.

-O quê?! Você não disse...você não disse que...

-Você já está pronto, moço.

-Como assim?

Não conseguiu concluir sua pergunta.

-Ali está – apontou seu companheiro.

Olhou meio decepcionado. Um lugar um descampado que tinha uma árvore destacada de toda paisagem e um camponês que colhia algumas folhas de alguns arbustos próximos á árvore.

-Onde está o Mestre? Pensei que fosse um lugar idílico, mágico!!-pensou surpreso.

-Fale com aquele camponês ali que ele conhece tudo por aqui.

Ficou em dúvida se deveria fazer isso. Quis dizer que seu companheiro tinha errado o lugar, mas, para sua surpresa, ele tinha sumido. Enfim, não lhe restava nenhuma opção.

Caminhou decepcionado em direção ao camponês. Não tinha alternativa mesmo.

Quando o camponês percebeu sua presença, veio ao seu encontro com um sorriso nos lábios. Parecia que já estava esperando-o.

-Não é possível que esse senhor seja o tal Mestre! – pensou angustiado.

-Bom dia, o que está querendo? – perguntou-lhe o camponês.

Não sabia se devia responder. Considerou aquela situação insólita demais. Aquilo não tinha nada a ver com o que imaginou e o que poderia ser de fato.

-Estou procurando um lugar! – disse, com certa má vontade.

-Como é o nome deste lugar, senhor?

-Portal da felicidade!

-É aqui.

Engasgou. Ficou confuso. Não estava compreendendo nada. Tinha que ter havido um engano. Não era possível!

-O senhor viu alguém por aqui? – perguntou inconformado ao camponês.

-Às vezes, para percebermos a verdade é preciso eliminar as mentiras que há em nós – respondeu-lhe aquele senhor.

Ficou surpreso com a sabedoria vinda daquele sujeito tão simples, tão...

Ficou encantado com aquelas palavras. Olhou os olhos doces, compreensivos daquele camponês. Parecia uma pessoa familiar, confiável.

Perdeu a vergonha e respondeu:

-Procuro uma chave.

O camponês pôs as mãos nos bolsos e retirou uma chave. Não uma chave admirável, magnífica, mas uma simples chave, dessas que podemos comprar em qualquer chaveiro e lhe entregou.

Ele ficou perplexo com aquela chave nas mãos. Pensou que a chave fosse uma palavra, um gesto mágico, enfim uma revelação grandiosa que faria os céus emitirem trombetas e coisas e tais. Mas, tinha ali nas mãos uma chave banal, comum. Uma chave qualquer. O que faria com ela? Não existia ali nenhuma construção, nenhum templo, nada que pudesse ser aberto com aquela chave.

Ficou paralisado com aquela chave na mão.

-Que ridículo! Andei tudo isso para alguém entregar-me uma chave comum! –pensou. Aliás, não conseguia nem pensar direito. Estava em choque, decepcionado.

-Se ainda vê portas, então, vai sempre precisa de chaves. Quando deixar de vê portas não precisará de chaves. Se não há nada para abrir o que fará com essa chave?

Arregalou os olhos e reconheceu. Estava diante de um Mestre a despeito da aparência. Estava diante de um ser comum, extremamente simples, mas poderoso. Que sabedoria!

Eis o poder que tanto buscava! Jogou a chave fora.

O camponês lhe sorriu.

-Meus parabéns! Você acaba de encontrar a chave. Você acabou de abrir uma porta.

-Onde está a Pedra?-insistiu.

-Ah, a pedra?!- disse admirado aquele camponês. Então, agachou-se, pegou uma pedra qualquer, que estava próximo aos seus pés, e lhe entregou.

-Isto é a Pedra Filosofal?!

-Pensei que você tivesse encontrado-a! Mas, como me pediu uma pedra, aí estar!

Foi aí que descobriu que passou o tempo todo procurando as coisas fora, quando tudo estava dentro de si mesmo.

O camponês, em sua simplicidade, olhou para ele com bondade e disse:

-Olhe para trás de sua jornada. Não reconhece o quanto mudou? Não reconhece o poder transformador de sua jornada? A chave já lhe foi dada. A pedra você já a possui. Se não tivesse feito esta jornada, jamais iria crescer. Você chegou ao fim desta caminhada e que maravilha, por ter feito esta jornada. Você cresceu.

Outra jornada está se iniciando para você. Aproveite!

Olhou para trás e lembrou as perguntas que a nossa consciência faz quando fazemos a transição:

-O que aprendestes? O que amastes?

Olhou para o caminho e se perguntou: O que aprendi? O que amei?

Havia deixado para trás o orgulho, a prepotência e o egoísmo. Percebeu que a caminhada havia acontecido dentro de si mesmo e sorriu com esta descoberta.

Na verdade, descobriu que caminhamos sempre nesta direção. A vida não nos oferece outra alternativa. Abrimos os olhos ao nascermos e a jornada começa. Sentiu uma grande paz. Uma paz profunda.

Levantou da cama consciente que iria começar uma jornada, mas agora já sabia o que levaria para ela e o que deixaria para trás.

PONTO DE FUGA

Na densidade do escuro da noite uns olhos se acendiam como lanternas fantasmagóricas.

Um homem caminhava felinamente, medindo cada passo. Havia uma centelha em seu olhar que se destacava na rua e ela ficava em suspense à sua passagem.

O mistério tomava conta toda vez que ele surgia. Andava num tempo diferente, mas fazia o trajeto como quem está chegando.

Para ele, aquela rua era repleta de avenidas no tempo.

Andava com o olhar pausado, pousado no passado. Por isso, não havia notado um detalhe: uns olhos abertos pelo desejo o acompanhavam sempre que aparecia. Passou em branco. Afinal, passeava com suas lembranças e não conseguia desvencilhar-se delas ou não o queria fazer e assim não enxergava além.

Quando ria, ria para dentro e, dessa forma, ninguém notava. Era um riso mudo, sem espalhafato, sem alarde. Um riso involuntário provocado por uma reação de sua alma. Um riso rido por dentro.

Todos o enxergavam como uma pessoa extremamente séria, carrancuda até. Mas, alguma coisa morava nele e o alimentava com vigor. Embora, distantes, seus olhos não possuíam um brilho triste, ao contrário, algo cintilava neles e criava o mistério que o envolvia.

Conhecia bastante aquela rua e acreditava que ela o conhecia bastante também. Afinal, viveu toda a sua infância correndo por ela. Agora, ela corria dentro dele e isso lhe causava extremo prazer. Caminhar nela era desfilhar em suas felizes memórias.

Foi concebido naquela rua por um acaso, embaixo de uma árvore. Quer dizer, seu nascimento não era esperado. Foi literalmente feito nas coxas.

Nascera naquela rua e haveria de morrer nela. E, foi o que aconteceu.

Por ironia do destino era um relojoeiro, mesma profissão do pai que, aliás, nunca conheceu.

O único presente que vivia era aquele instante em que consertava os relógios, embora, fizesse um grande esforço para sua mente não divagar e ir além do tempo dado naquele momento de precisão de relojoeiro.

Na verdade, seu grande momento de prazer era passear por aquela rua. Ela se abria em sua mente com to-

da sua reminiscência e ele visitava os acontecimentos passados com a mesma vivacidade do presente.

Escorregava feliz em seu passado. O presente era a felicidade de viver o que havia vivido. Dessa forma, não olhava para fora, mas constantemente para dentro de si mesmo.

Por conta disso, ao atravessar a rua, mergulhado em suas lembranças, não percebeu um automóvel que se aproximava e, assim, foi atropelado e morto pelo presente. E, como a sua mente não pôde mais controlar o sorriso, ele se desenhcou abertamente em sua face.

A força da memória se eternizou e se fez presente na horizontalidade daquele morto, atingindo a todos que compareceram ao seu velório. Porém, as pessoas não entendiam a felicidade estampada no rosto do defunto que, para elas, tinha uma perspectiva de vida nula, contudo, ficaram constrangidas em chorar diante daquele singular e desafiador sorriso.

E os olhos que o acompanhavam naquela rua se apagaram para sempre e uma janela que dava para ela nunca mais se abriu.

RODA-VIVA

Havia perdido muito na vida. Já não conseguia enxergar os entulhos que se acumularam aos seus pés. Depois de um tempo, sequer conseguia dá algum passo. Finalmente, tinha parado de caminhar. O que lhe restava senão contemplar tudo o que havia acontecido? Não vislumbrava mais nenhum futuro, nenhuma perspectiva.

Pensou em decidir o que fazer, mas sequer tinha essa opção. Então, fez o que tinha que fazer. Ou melhor, não fez nada já que não podia decidir nada. Ficou contemplando o seu presente, mas ficou entediado pela absoluta falta de ação, assim, olhou para o passado e ficou ali ruminando sua história.

Era um poço de lembranças. Recordou alguns bons momentos e se arrependeu de uns tantos, contudo, nada poderia fazer e, dessa forma, perdeu-se em amarguras e quando percebeu havia se transformado em entulho também.

E, como entulho ficou fermentado até tornar-se fértil e nascer novamente.

SINOPSE

A perda cabe dentro do coração como uma bomba. H é uma bomba que estoura e continua a bagunçar. Os estragos se fazem longo e longe.

Como recuperar pedaços arrancados do coração? Não dar. Vamos continuar assim, faltando pedaços e, futuros estragos, já não causam tantos danos.

Dentro da gente sempre ficam fumaças que nunca se apagam e qualquer fagulha, uma explosão. Saímos explodindo na vida a cada dor repetida. Não conseguimos enfraquecer a causa e ficamos, cada vez mais, debilitados. Não olhamos para frente, mas para baixo, acompanhando cada passo por receio – perdemos o horizonte - depois nos horizontalizamos definitivamente.

A dor destrói a história que poderia ser traçada.

A morte do ego é uma cruz insuportável que precisamos encarar antes dos finalmente ou ele vai tornar-se uma venda no tempo e se torna um peso que nos atravessa como uma lança, arrancando-nos sangue, carne, esperança. Enredamo-nos em nossa própria dor e ela conta o percurso que não foi. E, a história é essa.